

A CRÔNICA de Rubem Braga

O Globo 23. 12. 57

A CIDADE FELIZ

AGORA me perguntam se eu gostaria de morar em Brasília e eu respondo que não, nem que o Dr. Israel me desse um lote com cartório.

É claro que a cidade vai ser bonita e nascerá livre de muitos problemas que atormentam outras; mas quanto tempo não levata para perder seu ar artificial, seu jeito de coisa importada, vinda de fora? O lago será uma grande coisa, miradouro de nuvens, espelho de crepúsculos, viveiro de estrêlas e luares; mas quanto tempo não passará até que deixe de ser uma reprêsa, uma inundação artificial, para ser um lago mesmo? Quando crescerão os chorões à sua beira, quando as colinas em volta deixarão de ser nuas e tristes — algum dia, no futuro, acaso, um canoeiro colherá distraidamente, erguendo o braço, um ingá maduro?

O planalto é triste com seus arbustos sem graça, que um pintor de São Paulo aproveitou com bom-gôsto e arte para fazer uns arranjos que decoram o Alvorada e o hotel, arranjos interessantes, mas, no fundo, insuportavelmente tristes, uma aridez enfeitada. Quem nasceu entre matas e morros e tomou banho em rio de verdade, e viveu na beira do mar — sente uma secreta aflição nesse descampado sem fim onde um excesso de céu acachapa tudo; e quanto tempo levará a cidade para se livrar do esquema da prancheta e fabricar o seu próprio mistério, seu mel e seu veneno, ganhar um jeito de gente humana, não de funcionários, iapiários, industriários, securitários?

Onde vai morar aqui o poeta bêbedo, que margem se deixou para a sobrevivência do marginal, onde acamparão os ciganos ladrões de cavalos e crianças, que providência se tomou para construir um sobrado mal-assombrado, aonde está o açude, o bambual, o crime? Não haverá nenhum porão...

O rico não será afrontado pelo barraco do pobre nem o encontrará no seu trajeto. Eu compreendo o ideal dessa cidade, uma cidade feliz para uma possível humanidade melhor; mas em volta permanecerá um Brasil misterioso e triste que ela não entenderá, e seus homens esquecerão: a paisagem tem oito décimos de céu; é muito céu, e nem sequer um minarete, uma palmeira sequer num píncaro azulado...

Quantos anos passarão até que haja uma rêde numa varanda, Senhor?